

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

v. 13, n. 1

RECIFE E SEUS MONUMENTOS: Um Estudo Sobre o Uso do Espaço Público e a Preservação dos Monumentos Históricos

DANIELLY MUNIQUE PIMENTA CAVALCANTI¹
MARIA JULIETE GALVÃO DA SILVA²
JÉSSICA GABRIELE BARBOSA DE ANDRADE³
CIRLEIDE DOS SANTOS TAVARES DA SILVA⁴
BETANIA MACIEL⁵

Resumo

Ruas, parques, praças e prédios do Recife, contam a sua história através da arte, pelas obras de grandes artistas como: Cícero Dias, Abelardo da Hora, Francisco Brennand, Lula Cardoso Ayres e Corbiniano Lins, que na sua maioria, estão em locais com livre acesso, em espaços públicos ou privados. Em uma grande exposição pública permanente, grandes nomes se fazem presente reforçando a memória da sociedade pernambucana e construção de sua cultura. São esculturas e monumentos produzidos, em sua maior parte, entre as décadas de 40 e 60 e outras mais contemporâneas, que ganham vida às margens do Rio Capibaribe ou em praças públicas com a vocação de fazer lembrar, evocar, celebrar, como o “Monumento Tortura Nunca Mais” e a escultura “Carne da Minha Perna”. Caminhar pelas ruas e becos e refletir sobre o uso do espaço público e monumentos distribuídos na cidade do Recife, conviver com o passado e a paisagem urbana impregnada de memória e história e conhecer a origem de obras e autores que é a característica desta pesquisa.

Palavras chave: *Memória; História; Arte; Artistas pernambucanos; Inclusão.*

1 Aluna de iniciação científica do Curso Arquitetura – 10º período da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA <pimentadanielly@gmail.com>

2 Aluna de iniciação científica do Curso Arquitetura – 7º período da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA <juliete.galvao@hotmail.com>

3 Aluna de iniciação científica do Curso Arquitetura – 6º período da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA <jgabrieleandrade@gmail.com>

4 Aluna de iniciação científica do Curso Arquitetura – 10º período da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA <leidejcristo@hotmail.com>

5 Professora Doutora do Curso de Arquitetura da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA <betaniamaciel@gmail.com>

INTRODUÇÃO

Podemos verificar que nas ruas, parques, praças e prédios, a arte pública do Recife conta a sua história através da arte, que inclui obras de grandes artistas como: Cícero Dias, Abelardo da Hora, Francisco Brennand, Lula Cardoso Ayres e Corbiniano Lins.

Na sua maioria, são locais com livre acesso, alguns possuem horários de visitação, enquanto que outros espaços são privados, porém com acesso ao público. Obras da pesquisa: esculturas francesas do século XVIII como as instaladas no Museu do Estado, Praça da República e Ponte Maurício de Nassau. São esculturas de ferro produzidas pelos mesmos autores das peças encontradas no acervo de museus franceses como o *d'Orsay*, em Paris. Outras esculturas dessa mesma época podem ser vistas, feitas em mármore ou bronze, muitas delas associadas à arquitetura de prédios ou compondo o contexto urbano da cidade.

Esculturas e monumentos produzidos, em sua maior parte, entre as décadas de 40 e 60, utilizando técnicas e materiais diversos, como cerâmica, pedra, bronze, entre outros. Além deles, outros grandes nomes se fazem presente nessa exposição a céu aberto, como Corbiniano Lins e José Cláudio. Muitas dessas obras reforçam a memória da nossa sociedade e constroem a cultura pernambucana. Mais contemporâneas instaladas às margens do Rio Capibaribe ou em praças públicas, esculturas e monumentos nascem com a vocação de fazer lembrar, evocar, celebrar, como o “Monumento Tortura Nunca Mais” e a escultura “Carne da Minha Perna”, um caranguejo confeccionado com sucata de ferro que homenageia o músico Chico Science e o geógrafo pernambucano Josué de Castro. Da mesma maneira, as esculturas dos escritores do Recife que compõem o “Circuito da Poesia” prestam homenagem aos poetas que nasceram ou viveram no Recife, como Capiba, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Carlos Pena Filho e Clarice Lispector. Contemporâneo também é o “Parque de Esculturas de Francisco Brennand”, com 90 esculturas do artista e os 40 metros quadrados no piso do Marco Zero, considerado o ponto de partida da cidade, que traz a obra “Rosa dos Ventos”, de Cícero Dias, e

representa a origem do mundo e do Recife.

A ausência de um inventário sobre esse patrimônio material contribui para o esquecimento e desvalorização desse tesouro cultural pernambucano. A arte pública, ao ser criada para a cidade, testemunha o crescimento urbano, e deve ser vista sob esse caráter documental, um verdadeiro acervo público disponível a toda sociedade (PADILHA, 2014).

Caminhar pelas ruas e becos e refletir sobre o uso do espaço público e monumentos distribuídos na cidade do Recife, conviver com o passado e a paisagem urbana impregnada de memória e história e conhecer a origem de obras e autores que é a característica desta pesquisa.

O interesse social sobre o uso e preservação de monumentos no Brasil, confrontase com o direito ao uso da cidade e emplaca diretamente na população mais pobre que usam o espaço público como moradia e conseqüentemente a depreciação dos monumentos, acredita-se que tudo isso é fruto do desenvolvimento econômico sem compromisso com a sociedade, ou melhor a ineficiência do poder público para a conservação adequada. A partir da revisão bibliográfica e consultas aos sites oficiais do governo, verificou-se que as obras de valor inestimável, tanto material como imaterial, estão á deriva. E a realização de mapeamentos sobre as esculturas e murais na Cidade do Recife, tendo como premissa, a valorização da cultura, que é um direito fundamental. O estado impulsiona as seguintes ações, entre outras: a promoção, proteção e difusão do folclore e das artes, o artesanato e demais manifestações; o reconhecimento à identidade e respeito à diversidade cultura, a convivência, a tolerância e a inclusão social, estimulando o intercâmbio, desde uma perspectiva latinoamericana, a proteção, preservação e divulgação dos bens culturais, o patrimônio tangível e intangível, histórico, artístico e arqueológico e paisagístico, a aplicação das novas tecnologias da comunicação para a produção cultural.

O secretário de Políticas Culturais do MinC, Guilherme Varella, explica, em seu livro *Plano Nacional de Cultura – direitos e políticas culturais no Brasil*, que os

direitos culturais fazem parte dos direitos fundamentais. São os direitos culturais que permitem o respeito à dignidade, a partir do reconhecimento da identidade do indivíduo e o aproveitamento de suas qualidades. Além disso, são considerados essenciais para preservar alguns pilares da dignidade humana, como igualdade, integridade física, moral e social, liberdade e solidariedade. (CARDOSO, 2011)

Avaliar o sentido original do termo monumento faz-se imprescindível, este vem do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* ('advertir', 'lembrar'), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Sendo assim, chama-se monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. Para aqueles que edificam, assim como para os destinatários das lembranças que veiculam, o monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança. O monumento assegura, acalma, tranquiliza, conjurado o ser do tempo. Ele constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos. Desafio à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, ele tenta combater a angústia da morte e o aniquilamento (CHOAY, 2006).

Monumento é uma palavra cujo sentido é amplo podendo ser entendida como uma herança do passado, mas, também, como uma obra comemorativa e/ou funerária como nos diz Le Goff. Para Françoise Choay, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A

especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. O monumento pode expressar-se através de uma escultura pública, de um prédio, uma casa ou uma ponte construída num determinado estilo e trazendo em sua composição uma dada técnica. (LE GOFF, Jacques.1990).

Artistas e ativistas sociais, participam dos eventos com a população no centro da vida social e política sabem que a cidade deve ser um espaço utilizado por todas as classes sociais, pois além da sua capacidade de acumular riquezas, acumula também os conhecimentos, as técnicas e as obras (obras de arte, monumentos):

a cidade é uma obra que possui valor de uso, mas o capitalismo a transformou num valor de troca, ou seja, numa mercadoria: A própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das ruas, das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro) (LEFEBVRE, 2001, p. 4).

ARTE, ARTISTA E INCLUSÃO SOCIAL

Abelardo da Hora (1924-2014) foi um escultor, desenhista, gravador e ceramista, nasceu na Usina Tiuna, em São Lourenço da Mata, Pernambuco. Fez curso de Artes Decorativas no Colégio Industrial Prof. Agamenon Magalhães, Curso Livre de Escultura na Escola de Belas Artes de Pernambuco e Curso de Bacharelado em Direito na Faculdade de Direito de Olinda. Aos 18 anos já era responsável pelo Diretório Acadêmico de Belas Artes em Recife, onde comandava um grupo de alunos que pintava e desenhava paisagens nas matas do bairro da Várzea, quando seu trabalho chamou a atenção do industrial Ricardo Brennand que o contratou. Sua carreira deslança permitindo que suas obras se tornem de grande importância para a renovação do panorama artístico de Pernambuco. No ano de 1947 dedicou-se a sua primeira exposição de esculturas, que foi realizada em abril de 1948, na Associação dos Empregados do Comércio de Pernambuco, sob o patrocínio do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife. A

exposição teve grande repercussão pelo conteúdo e forma, sendo esta a primeira exposição de esculturas realizada no Recife. Abelardo da Hora fez inúmeras gravuras com influência nas obras de Candido Portinari (1903 - 1962). Com temática social, a xilogravura “Meninos do Recife” denuncia a miséria por meio da representação de crianças esqueléticas, apresentando afinidade com o realismo e o expressionismo. A mesma temática social é revelada em suas esculturas, realizadas em bronze, mármore e principalmente em cimento, material escolhido por seu caráter duro e áspero, que acrescenta um grau de sofrimento às figuras. A partir da década de 1950, o artista produz várias esculturas representativas para praças do Recife, nas quais revela o interesse pelos tipos populares, entre elas: “Os Cantadores e o Vendedor de Caldo de Cana”, no Parque 13 de maio, “O Sertanejo”, na Praça Euclides da Cunha, em frente ao Clube Internacional e o “Vendedor de Pirulitos”, no horto de Dois Irmãos. A temática social permanece em trabalhos bem posteriores, como nas esculturas “Desamparados” e “Água para o Morro” (ambos de 1974). A forte marca do seu trabalho revela claramente questões relacionadas à realidade regional quanto ao sofrimento e solidariedade. A tônica é o amor: o amor pela vida, que se manifesta pela repulsa violenta contra a fome e a miséria, contra todos os tipos de brutalidade, contra a opressão e a exploração. Outras das suas obras que ganharam destaque na temática social e regional foram o “Monumento ao Maracatu”, próximo ao Forte das Cinco Pontas, “Monumento ao Frevo”, na Rua da Aurora, “Monumento a Zumbi dos Palmares”, na Praça do Carmo, “Enéas Freire e o Galo da Madrugada”, na Praça Sérgio Loreto, “Monumento aos Heróis da Revolução de 1817”, na Praça da República e “Os Retirantes”, no Parque Dona Lindu. Suas obras também se destacaram na temática das mulheres, com o corpo feminino, desnudo e uma vertente expressionista, que vão ficar eternizados nas obras deixadas em cada canto da cidade do Recife. Entre elas se destacam: “Mulher Deitada”, no Shopping Center Recife, “Mulher Sereia”, no Mar Hotel. Em 1956, foi eleito delegado de Pernambuco, na Seção Brasileira da Associação Internacional de Artes Plásticas, da UNESCO. Seu inestimável talento e empenho possibilitou que suas obras fossem exibidas entre os anos de 1957 e 1958 em diversas exposições em países como, por exemplo, Estados Unidos, Europa, Argentina, Mongólia, União Soviética, Israel e China. Mas foi em 1960 que Abelardo da

Hora idealizou a lei municipal de Obras de Arte em Edificações no Recife, durante o governo de Miguel Arraes, que obrigava construções com mais de 1,5 mil metros quadrados terem obras de arte, uma escultura ou mural, transformando a cidade em uma galeria de arte a céu aberto. Ainda hoje é possível contemplar muitas dessas obras em áreas pública e privada. No entanto, é lamentável que muitas dessas esculturas e murais passem despercebidas pelo olhar dos transeuntes que na maioria das vezes não possuem nenhuma referência por não terem conhecimento quanto ao valor histórico dessas obras. Francisco Paula Coimbra de Almeida Brennand, nasceu no Recife em 1927. É ceramista, escultor, desenhista, pintor, tapeceiro, ilustrador, gravador. Inicia sua formação em 1942, aprendendo a modelar com Abelardo da Hora. No fim dos anos 1940, pinta principalmente naturezas-mortas, realizadas com grande simplificação formal. Em 1949, viaja para a França, incentivado por Cicero Dias e acaba conhecendo obras de Pablo Picasso e Joán Miró e descobre na cerâmica seu principal meio de expressão. Entre 1958 a 1999, realiza diversos painéis e murais cerâmicos em várias cidades do Brasil e dos Estados Unidos. Em 1971, inicia a restauração de uma velha olaria de propriedade paterna, próxima a Recife, transformando-a em ateliê, onde expõe permanentemente objetos cerâmicos, painéis e esculturas.

Sua maior obra na cidade do Recife e também mais marcante para os cidadãos é o Parque das Esculturas. Construído em frente ao Marco Zero no ano 2000, marca o ano comemorativo de 500 anos do descobrimento do Brasil. No total, existem 90 obras, sendo a principal, a Coluna de Cristal com 32 metros de altura.

CORBINIANO LINS

Olindense, nascido em 2 de março de 1924, José Corbiniano Lins deixou importante legado, especialmente na cultura pernambucana. Um artista plural e contemporâneo, fez do isopor, do vidro, alumínio, metal e do cobre, instrumentos do seu trabalho. Escultor, desenhista, pintor. Desde criança faz cópias de desenhos, quadros e gravuras, estudou artes na escola de Aprendizes Artífices de Pernambuco, antiga

Escola Técnica (CEFET) e atual Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). Começando a pintar em

1949, no ano seguinte, já realizara sua primeira exposição (itacultural.org.br, 2018).

No ano de 1952, participou do ateliê coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife que, acabou por fomentar a criação do Clube da Gravura da Sociedade de Arte Moderna do Recife, fundado por ele com seleto grupo de artistas como Hélio Feijó, Abelardo da Hora, Ladjane Bandeira, Augusto Reinaldo, entre outros. Uma parceria que o levou a participar de diversas exposições e premiações, tanto no Brasil como no exterior, chegando a lançar, em 1960, um álbum com dez xilogravuras e, no ano seguinte, um segundo álbum em cores (catalogodasartes.com.br. 2018).

Acadêmico jubilado da Academia de Artes e Letras de Pernambuco, Corbiniano foi agraciado com a Medalha de Mérito da Fundação Joaquim Nabuco e, em 1963, recebeu a Medalha Pernambucana do Mérito. Ele também participou, entre os anos de 1969 a 1978, do Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Seus trabalhos - painéis entalhados, esculturas em concreto e alumínio e pinturas – estão distribuídos em diversas cidades do Brasil. Suas obras foram expostas em galerias, museus, espaços culturais e salões de arte no Recife, Olinda, São Paulo, Rio de Janeiro e países na Europa e na América Latina, a exemplo, o Museu de Arte Moderna de São Paulo, agências do Banco do Brasil em Luxemburgo e Barcelona (Espanha) e acervo particular do colecionador Hendrik Zwarenstein, nos Estados Unidos (folhasertaneja.com.br; diariodepernambuco.com.br. 2018).

Entre suas obras está o Monumento ao Trabalhador ou Os Marteleiros, como é conhecida, criada em concreto armado para homenagear os profissionais da Chesf pela construção da primeira Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso (<http://www.folhasertaneja.com.br/noticia/21877997/regional/artista-plastico-corbinianolins-criador-do-monumento-ao-trabalhador-morreu-aos-94-anos-no-recife/?&indice=70>). Outra obra pública de relevante importância para a história de Pernambuco os murais da Cruz Cabugá que formam a obra Restauração

Pernambucana, composta por três painéis pintados em azulejo em 1967, em homenagem aos movimentos separatistas pernambucanos - o primeiro contra a Coroa Portuguesa e o segundo e terceiro contra o Império, em 1824 e 1848. (<http://www.recifeartepublica.com.br/obras/obra/Revolues-Pernambucanas-1817-1824-1948-1967/30>). As obras, localizadas na Avenida Cruz Cabugá, em Santo Amaro, área central do Recife, sofrem pelo vandalismo e negligência do poder público.

Outro painel do artista pode ser contemplado na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, que fica na rua Coelho Leite, no bairro de Santo Amaro (www.recifeartepublica.com.br/obras/obra/Sem-Titulo-s.d/96).

LULA CARDOSO AYRES

O pernambucano Luiz Gonzaga Cardoso Ayres nasceu no Recife (1910 – 1987). Pintor, fotógrafo, desenhista, ilustrador, muralista e cenógrafo, morou, durante sua infância em um sobrado à beira do rio Capibaribe, no bairro da Madalena. Sua formação artística aos 12 anos, trabalhando como ajudante do artista alemão Heinrich Moser no Recife, com quem adquire os primeiros conhecimentos das técnicas artísticas.

Nos anos de 1930, na cidade do Rio de Janeiro, trabalha intensamente em ilustrações, retratando a figura feminina e as novas conquistas da modernidade, influenciado pela art déco. Produziu ainda, a cenografia do espetáculo *O Espelho de Próspero*, um tanto ousado para a época. Quando retorna ao Recife, em meados de 1940, seu interesse pelo os modos de vida nordestino, em parte estimulado pela convivência com o poeta Ascenso Ferreira e o sociólogo Gilberto Freyre, produz fotografias e desenhos retratando manifestações culturais como o bumba meu boi, o maracatu, o carnaval, os rituais do candomblé e de populações indígenas, parte integra o acervo do Museu do Homem do Nordeste (enciclopedia.itaucultural.org.br, 2018).

Seus trabalhos produzidos entre 1945 e 1946, remetem à narrativas e crenças fantasmagóricas populares do Recife, que aparece em obras como *Capela Mal*

Assombrada, *Sofá Mal-Assombrado*, *Vestindo a Noiva* e *Enterro*, entre outras. Já em 1947, sua produção é marcada por temáticas sociais, figuras e paisagens regionais, a exemplo, *Retirantes*, *Meninas Pedindo Esmola*, *Cego Violeiro*. Durante esse período, Ayres passa também a dedicar-se à Docência, lecionando na Escola de Belas Artes, atual Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e funda, em 1947, um curso de desenho para crianças enciclopedia.itaucultural.org.br, 2018).

Seus painéis e murais, executados em várias cidades brasileiras, em destaque a obra de 1957, painel do Aeroporto dos Guararapes, no Recife, “que retrata a vida cotidiana e festivanordestina” (<http://www.recifeartepublica.com.br/obras/obra/Painis-do-antigo-Aeroportodos-Guararapes-1957-1958/88>). Entre 1951 e 1955, participa das três primeiras Bienais de São Paulo e sua produção volta-se para o abstracionismo. Em 1960, no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - Masp, organizada por Pietro Maria Bardi, uma exposição retrospectiva destaca os trabalhos mais recentes.

Em meados dos anos 1960, sua produção retoma a figuração em representações femininas, de bichos ou animais fantásticos. Realiza, em 1984, painéis para o metrô do Recife (Pernambucanas- Vistas-do-Trem-1984/70⁶). Após sua morte, é homenageado pela Associação dos Artistas Plásticos Profissionais do Recife (escritoriodearte.com, 2018). Maiores informações do acervo de painéis e murais deste e de outros artistas, na cidade do Recife, podem ser visualizados por meio do site Recife Arte Pública (www.recifeartepublica.com.br).

CONSIDERAÇÕES

A capital pernambucana reúne 56 praças dotadas de monumentos. A maior parte deles em concreto ou bronze, confeccionadas na segunda metade do século 20 e em alusão a figuras históricas, ao contraponto de algumas poucas obras de caráter subjetivo e abstrato. Em algumas delas, como a Mano Teodósio, em Apipucos, não há

⁶Disponível em <http://www.recifeartepublica.com.br/obras/obra/Paisagens-das-Regies>

qualquer recurso urbanístico além de seu ocupante inanimado, em um pequeno perímetro que não comportaria mais do que o mesmo, além de uma ou duas árvores. As obras ainda possuem outras duas características em comum. A primeira, e mais remediável, é a situação de abandono que inspiram, com pedaços faltando – desgastes naturais, mas também frutos de vandalismo -, sujeira acumulada e placas de sinalização pouco legíveis ou inexistentes.

Considerando que praças são espaços abertos, públicos e urbanos, destinados ao lazer e ao convívio da população, sua função primordial é a de aproximar e reunir as pessoas, seja por motivo cultural, econômico, político ou social, constituindo-se, portanto, de um local de convívio social por excelência (LIMA et al., 1994; MACEDO e ROBBA, 2002)

A situação de degradação mundial a qual vem sendo submetido o meio ambiente nos desafia a buscar meios para preservar os recursos naturais e, ao mesmo tempo, nos oferece a oportunidade de repensar as nossas atitudes ou a falta delas, com relação à natureza.

A possibilidade do contato interpessoal público, oferecida pela praça, permite o estabelecimento de ações culturais fundamentais, desde interações sociais até manifestações cívicas. Sendo assim, a praça potencializa a noção de identidade urbana que o lazer na esfera da vida privada dificilmente poderia proporcionar (QUEIROGA, 2001).

Entendendo que a cultura expressa desde os movimentos e processos cotidianos dos indivíduos, até suas linguagens e concepções e significados acerca do mundo e que a população utiliza-se dos reflexos ambientais no qual está socialmente inserida para interpretar a sua linguagem através de mecanismos como a arte dentre outros.

Destacamos que o processo de valores culturais ao criar alternativas para a difusão de seus conceitos e ideias, mediante características de o acesso e oportunidades

semelhantes, como propósito de favorecer a participação da comunidade, na qual está inserida. Proporcionar oportunidades semelhantes para todas as pessoas em participar da cidade e desfrutar o que ela lhe oferece, através de seus monumentos históricos, literatura e poesia de artistas que se destacaram na cidade de Recife, ao mesmo tempo que inclui o uso dos espaços públicos, sentimo-nos informados e participantes da cultura local.

REFERÊNCIAS

- ABELARDO da Hora. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21706/abelardoda-hora>>. Acesso em: 13 de Set. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7
- ABRAMO, Pedro. A Cidade COMFUSA. A mão inoxidável do mercado e a produção da estrutura urbana nas grandes metrópoles latino-americanas. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 9, n. 2, 25-54, nov. 2007.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 5 de outubro de 1988.
- _____. *Lei nº 11.124, de 16 de junho de 2005*. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social – SNHIS, cria o Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social – FNHIS e institui o Conselho Gestor do FNHIS. Publicada no DOU de 17.6.2005.
- _____. *Política habitacional e a integração de urbanização de assentamentos precários: parâmetros conceituais, técnicos e metodológicos*. Ministério das Cidades, Secretaria Nacional de Habitação. Brasília, 2008. Disponível em:<www.cidades.gov.br>. Acesso em: 9 mai. 2014.
- _____. *Urbanização de Favelas: a experiência do PAC – Ministério das Cidades, Secretaria Nacional de Habitação*. – Brasília, 2010. Disponível em: <www.cidades.gov.br>. Acesso em: 9 mai. 2014.
- _____. *Lula Cardoso Ayres*. Recife Arte Pública, Mural. Recife. 2018. Disponível em:<<http://www.recifeartepublica.com.br/obras/pesquisar>> Acesso em: 26 de Set. 2018.
- _____. *Corbiniano Lins*. Recife Arte Pública, Mural. Recife. 2018. Disponível em:<<http://www.recifeartepublica.com.br/obras/pesquisar>> Acesso em: 26 de Set. 2018.
- BONDUKI, Nabil. *Origens da Habitação Social no Brasil*. Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.
- _____. *Do Projeto Moradia ao Programa Minha Casa Minha Vida*. Teoria e debate,

ano 22, n. 82 – maio/junho 2009.

_____. *Artista plástico Corbiniano Lins, criador do Monumento ao Trabalhador, morreu aos 94 anos, no Recife*. In: REVISTA ELETRÔNICA Folha Sertaneja. 2018. Disponível em: <<http://www.folhasertaneja.com.br/noticia/21877997/regional/artista-plastico-corbiniano-linscriador-do-monumento-ao-trabalhador-morreu-aos-94-anos-no-recife/?&indice=70>> Acesso em: 26 de Set. 2018.

_____. *Painéis de Corbiniano Lins estão entregues aos vândalos e à ação do tempo*. In: REVISTA ELETRÔNICA Diário de Pernambuco. Recife. 2018. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vidaurbana/2018/03/26/interna_vidaurbana_74_6492/paineis-de-corbiniano-lins-estao-entregues-aos-vandalos-e-a-acao-do-te.shtml> Acesso em: 26 de Set. 2018.

_____. *José Corbiniano Lins – Corbiniano*. Catálogo das Artes. Disponível em: <<https://www.catalogodasartes.com.br/artista/Jos%E9%20Corbiniano%20Lins%20-%20Corbiniano%20/>>. Acesso em: 26 de Set. 2018.

CARDOSO, Adauto Lúcio; ARAGÃO, Thêmis Amorin; ARAÚJO, Flávia de Souza. *Habitação de interesse social: política ou mercado? Reflexos sobre a construção do espaço metropolitano*. XIV Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro, maio/2011.

CORBINIANO Lins. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8717/corbinianolins>>. Acesso em: 26 de S

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora da Unesp: Estação Liberdade, 2006.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. 1948. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/11cndh/site/pndh/sis_int/onu/convencoes/Declaraca%20Universal%20dos%20Direitos%20Humanos-%201948.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2014.

FAGNANI, Eduardo. *Política Social no Brasil (1964-2002): entre a cidadania e a caridade*. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP - Instituto de Economia – IE, Campinas, 2005.

_____. *A política social do Governo Lula (2003-2010): perspectiva histórica*. Texto para Discussão. IE/UNICAMP, n. 192, junho 2011. .

FRANCISCO Brennand. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3999/francisco-brennand>>. Acesso em: 13 de Set. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

GASPAR, Lúcia. Abelardo da Hora. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em:

<<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>>. Acesso em: 13 de set,2018.

LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LE GOFF, Jacques. Memória e História. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 535. Projeto cataloga obras de arte espalhadas pelas ruas do Recife Disponível em:<<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/03/projeto-cataloga-obras-de-arteespalhadaspelas-ruas-do-recife.html>>Acesso: 15 de ago,2018

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: LincolnInstitute, 2001.

LULA Cardoso Ayres. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10279/lulacardoso-ayres>>. Acesso em: 26 de Set. 2018. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7